

Amazônia abrigava sociedade complexa

Michael Heckenberger/Divulgação

Pesquisa mostra que antes de Colombo, Xingu tinha estradas, pontes e áreas agrícolas

HERTON ESCOBAR

Muito longe do mito de uma floresta inabitada e intocada, estudos revelam que a Amazônia da época de Colombo abrigava sociedades numerosas e complexas, tanto do ponto de vista social quanto tecnológico. Na região do Parque Indígena do Xingu, nordeste de Mato Grosso, pesquisadores brasileiros e americanos mapearam vestígios surpreendentes de ocupação humana entre os séculos 13 e 17. As aldeias, apesar de semelhantes, eram maiores e mais numerosas do que as atuais, conectadas por uma extensa rede de pontes e estradas quilométricas, com até 50 metros de largura.

“Não era um império inca ou romano, mas havia muitas sociedades da época, mesmo na Europa, que não eram tão complexas quanto essa”, diz o arqueólogo Michael Heckenberger, da Universidade da Flórida, que passou dois anos com índios xinguanos para fazer o estudo. “Também não havia grandes monumentos verticais, mas se você pegar toda a terra que foi movimentada lateralmente só para a abertura de estradas, certamente terá uma das maiores pirâmides da história.”

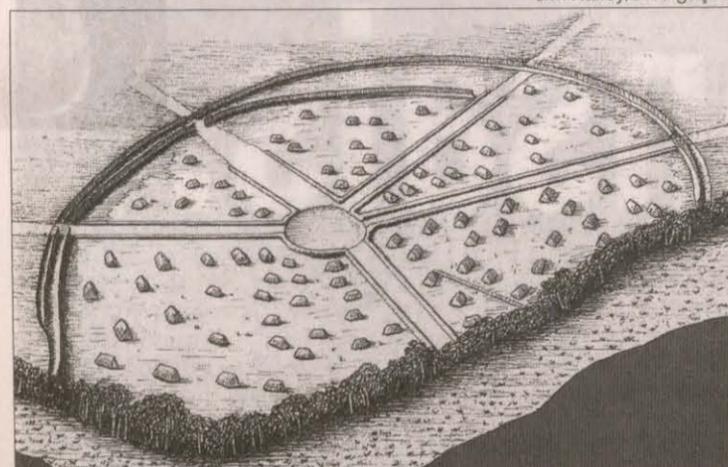
Nos arredores das aldeias, era comum a prática de fruticultura e agricultura. “Temos evidências claras de que as sociedades da época alteraram significativamente a cobertura vegetal”, diz o antropólogo Carlos Furtado, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todas as atividades, entretanto, eram realizadas de forma sustentável, em harmonia com os recursos naturais. A base de alimentação era a mandioca e a pesca.

“Muita gente pensa na Amazônia como uma floresta virgem, intocada, mas não é bem assim. Muitas partes são fruto de uma interação entre fatores naturais e atividades



Aldeia kuikuro contemporânea, no Xingu: praça central maior, mas com menos habitações

Jim Railey/Divulgação



Vila xinguan da época de Colombo: área até 10 vezes maior

humanas”, afirma Furtado.

A equipe mapeou 19 sítios arqueológicos em uma área de 400 quilômetros quadrados habitada hoje pelos índios kuikuros, no alto Xingu. Segundo Heckenberger, há indícios arqueológicos de que a área é habitada, pelo menos, desde o ano 800. Os primeiros colonizadores teriam sido da língua aruaque, seguidos pelos caribes e tupis.

O auge do desenvolvimento ocorreu entre os séculos 14 e 16, justamente quando os europeus chegaram ao Novo Mun-

do. As maiores aldeias da época tinham até 50 hectares – dez vezes maior do que as atuais –, podendo abrigar de 2 mil a 3 mil pessoas. O modelo de construção era semelhante ao das tabas contemporâneas, só que com uma praça central menor e vários círculos de residências, em vez de um (veja ilustração). Algumas eram também cercadas por fossos de proteção.

A extensa rede de estradas de terra indica que as aldeias, apesar de autônomas, viviam e trabalhavam de maneira integrada. Heckenberger chama a atenção para a complexidade das construções – com guias de terra e perfeitamente retilíneas –, o que indica conhecimento avançado de engenharia, mate-

mática e astronomia, como forma de orientação. As praças centrais, assim como ocorre hoje, eram o núcleo espiritual das comunidades, onde eram realizados os rituais e os enterros.

Detalhes sobre os hábitos sociais desses povos, entretanto, só virão à tona após a escavação dos sítios, que os pesquisadores esperam poder realizar em breve. Há também vários outros pontos de habitação pré-colombiana ainda não mapeados, fora da área de estudo.

Variola – O que aconteceu com todas essas populações? Tudo indica que foram dizimadas pelas epidemias trazidas pelos europeus, em especial a variola. “A difusão de doenças era rápida e avassaladora”, conta Heckenberger. Aqueles que sobreviveram passaram a se agrupar em comunidades menores, cujos descendentes ainda habitam o Xingu, com outras etnias indígenas.

Imagens de satélite e pesquisas de campo foram utilizadas no estudo, publicado na revista *Science*. Além de Furtado, o trabalho é assinado pela brasileira Bruna Franchetto, também do Museu Nacional, e dois chefes indígenas kuikuros, que ajudaram na localização dos sítios e no mapeamento das estradas: Afukaka Kuikuro e Urissapá Tabata Kuikuro.

**ÍNDIOS
TAMBÉM
ASSINAM O
ESTUDO**